

Por que razão se celebra o nascimento de Jesus a 25 de dezembro?

Os primeiros cristãos não costumavam celebrar o dia dos anos, mas costumavam celebrar o *dies natalis* o dia da morte, sendo o dia da entrada na Pátria definitiva. As comunidades cristãs se reuniam para celebrar a páscoa semanal, no dia em que Jesus Ressuscitou dos mortos, o dia depois do sábado, isto é, o Domingo, o dia do Senhor. De igual modo, celebravam anualmente a festa da Páscoa no dia da glorificação de Jesus, 14/15 de Nisan. Com o passar do tempo, sentiram a necessidade de celebrar liturgicamente os diversos momentos da vida de Jesus, surgiram assim as diversas festas que compõem o ano litúrgico.

Desta forma, a Igreja celebrava liturgicamente os Mistérios da salvação, dando resposta as exigências da piedade popular e às próprias necessidades pastorais. No início, as festas eram celebradas localmente, depois se espalhavam pelas outras comunidades, antes de serem incluídas no calendário litúrgico da Igreja. A mesma coisa aconteceu com a Solenidade do Natal do Senhor.

Os relatos evangélicos falam do nascimento de Jesus, em Belém da Judeia, ao tempo do Rei Herodes, mas sem fixar uma data certa (Mt 2,1). Até ao século III, não temos notícias sobre a data do nascimento de Jesus. Os primeiros testemunhos dos Padres e dos escritores eclesiásticos assinalavam diversas datas. O primeiro testemunho indireto de que o nascimento de Cristo foi em 25 de dezembro é-nos oferecido por Sexto Júlio Africano no ano de 221. No calendário filocaliano, assim chamado porque composto por Fúrio Dionísio Filócalo no ano de 354, aparece a data de 25 de dezembro.

Na tradição da Igreja ocidental, o dia 25 de dezembro aparece mencionado pela primeira vez em Roma desde o início do século IV. Na tradição oriental prevaleceu a data de 6 de janeiro.

A explicação mais difundida para esta diferença é que os cristãos optaram por esse dia de Dezembro porque, a partir do ano 274, no dia 25 de dezembro se celebrava em Roma o *dies natalis Solis invicti*, o dia do nascimento do *Sol Invicto*, a vitória da luz sobre a noite mais longa do ano. Esta explicação apoia-se na liturgia da Natividade e nos Padres da época, que estabelecem um paralelismo entre o nascimento de Jesus Cristo «sol de justiça» (Mc 3,20) e «luz do mundo» (Jo 1, 4 ss.). No entanto, não temos provas seguras disso. Parece, de facto, difícil imaginar que os cristãos quisessem adaptar festas pagãs ao calendário litúrgico, sobretudo porque só há pouco tinha terminado o período da perseguição. Não obstante, é possível que, com o passar do tempo, a festa cristã tivesse acabado por substituir a festa pagã.

Outra explicação, mais plausível, faz depender a data do nascimento de Jesus

da data da sua encarnação, nove meses antes, que, por sua vez, coincidiria com a data da sua morte. Num tratado anónimo sobre solstícios e equinócios afirma-se que «nosso Senhor foi concebido a 8 das calendas de abril no mês de março (25 de março), que é o dia da paixão do Senhor e também da sua conceção, pois Ele foi concebido no mesmo dia em que morreu» (B. Botte, *As Origens do Natal e da Epifania*, Lourain, 1932, 1. 230-33). Segundo a tradição oriental, que se apoia noutro calendário, a paixão e a encarnação do Senhor celebram-se a 6 de abril, data que concorda com a celebração do Natal a 6 de janeiro.

A relação entre paixão e encarnação é uma ideia que está em consonância com a mentalidade antiga e medieval, que admirava a perfeição do universo como um todo, onde as grandes intervenções de Deus estavam interligadas. Trata-se de um conceito que também encontra as suas raízes no judaísmo, no qual criação e salvação se relacionavam com o mês de Nisan. A arte cristã refletiu esta mesma ideia ao longo da história, representando a Anunciação da Virgem com o Menino Jesus descendo do céu com uma cruz. Assim, é muito possível que os cristãos relacionassem a redenção realizada por Cristo com a sua conceção, determinando esta a data do seu nascimento, nove meses depois. Aparentemente, «o mais decisivo terá sido a relação existente entre a criação e a cruz, entre a criação e a conceção de Cristo» G. Ratzinger, *El Espíritu de la Liturgia (O Espírito da Liturgia)*, Cristiandad, Madrid, 2001, p. 131).

JUAN CHAPA

Cf. Juan Chapa, *50 perguntas sobre Jesus*, artigo 7, *Por que razão se celebra o nascimento de Jesus a 25 de Dezembro*, ed. Paulinas 2008, pp. 28-30

Cf. B. BOTTE, *As origens do Natal e da Epifania*, Lourain, 1932, 1.230-33

Cf. J. RATZINGER, *El espíritu de la Liturgia*, Cristiandad, Madrid, 2001, p. 131